



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

Warde, Mirian Jorge

G. Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século
XX

Revista Brasileira de História de Educação, vol. 14, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 243-
270

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161038011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

G. Stanley Hall e o *child study*: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX

Mirian Jorge Warde*

Resumo:

Este artigo trata do *child study* nos Estados Unidos entre fins do século XIX e primeira década do século XX. A figura destacada é a de G. Stanley Hall, que liderou o movimento tanto no seu âmbito mais amplo, incluindo professores primários, jardineiras e pais, como no sentido estrito de criação de um campo de estudo para o qual disciplinas convergiriam para o estudo da criança e do adolescente nas suas mais diferentes dimensões. No início, o epicentro institucional do *child study* foi a Clark University, presidida por Hall, tendo sido o seu órgão principal de divulgação a revista *Pedagogical Seminary*. Além de examinar o evolucionismo específico do *child study* comandado por Hall, o artigo aborda o processo de hegemonização da Psicologia sobre as demais disciplinas nos estudos da infância.

Palavras-chave:

child study; G. Stanley Hall; psicologia; evolucionismo; *pedagogical seminary*.

* Realizou estágio pós-doutoral no Teachers College, Columbia University. Professora Visitante na UNESP de 2007 a 2013; Professora Titular da PUC/SP de 1973 a 2006; Pesquisadora do GEPICH - Grupo de Estudos e Pesquisas: Infância, Cultura e História, registrado no CNPq; Pesquisadora Sênior do CNPq. Professora Visitante na Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

G. Stanley Hall and the *child study*: United States between the late nineteenth Century and the early Twentieth century

Mirian Jorge Warde

Abstract:

This article focuses the child study between the late nineteenth century and the first decade of the twentieth century in the United States. A prominent figure is G. Stanley Hall who led the movement both in its broader context, including school teachers, kindergarteners and parents, as in the strict sense of creating a field of study for which disciplines would converge to the study of children and adolescents in their different dimensions. Earlier, the institutional epicenter of child study was Clark University whose President was Hall; *Pedagogical Seminary* was its main organ. In addition to examining the specific child study led by Hall, this article also discusses the process of hegemony of psychology on the other disciplines in child studies.

Keywords:

child study; G. Stanley Hall; psychology; evolutionism; pedagogical seminary.

G. Stanley Hall y el *child study*: Estados Unidos a finales del siglo XIX y comienzos del siglo XX

Mirian Jorge Warde

Resumen:

Este artículo trata sobre el *child study* en los Estados Unidos entre finales del siglo XIX y la primera década del siglo XX. La figura destacada es la de G. Stanley Hall, que lideró el movimiento tanto en su ámbito más amplio, incluyendo maestros primarios, de jardín de infancia y padres, como en el sentido estricto de creación de un campo de estudio en el que las asignaturas convergerían para el estudio del niño y del adolescente en sus diferentes dimensiones. Al principio, el núcleo institucional del *child study* fue la *Clark University*, comandada por Hall, siendo su principal medio de divulgación la revista *Pedagogical Seminary*. Además de examinar el evolucionismo específico del *child study* dirigido por Hall, el artículo trata sobre el proceso de hegemonización de la Psicología acerca de las demás asignaturas en los estudios de la infancia.

Palabras clave:

child study; G. Stanley Hall; psicología; evolucionismo; *pedagogical seminary*.

Introdução

Este artigo situa os estudos sobre a infância entre os anos de 1880 e a década de 1910, nos quais, para muito além dos esforços efetuados nos Estados Unidos de reconstrução econômica da nação destruída pela Guerra Civil, foram aplicados investimentos para a construção de um amálgama cultural do qual deveria nascer não só uma potência econômica, mas também uma fórmula original de modernidade.

Aqui, o foco recai sobre os investimentos intelectuais e acadêmicos realizados naquele período sobre a criança e sua educação. Na intersecção entre esses dois termos, merecem atenção as energias aplicadas na construção do moderno ambiente acadêmico norte-americano, no qual estão incluídas as lutas travadas para a abertura de novos campos de conhecimento e a institucionalização de novas disciplinas científicas, afirmando e disputando novos e velhos objetos. Como tendência inaugural da época, e que se afirmaria ao longo do tempo, houve a criação de sociedades científicas e o lançamento de periódicos acadêmicos como instrumento por excelência de afirmação, legitimação e difusão disciplinar.

Associadas a essas iniciativas, muitas outras lutas foram travadas em outros lugares institucionais com vistas à conversão da criança em âncora por excelência daquela modernidade que, por singularidade, estaria apoiada no futuro, diferenciando-se da modernidade europeia que, supunha-se, estaria guiada pelo passado.

Para este artigo, a busca e seleção das fontes foi conduzida pela revista *The Periodical Seminary (P.S.)*¹, editada por G. Stanley Hall de 1891 a 1924, e que lhe serviu como instrumento na luta pela afirmação do *child study*² como nova disciplina científica, que estabeleceria o nexo

¹ O periódico manteve-se com esse nome de 1891 a 1924; de 1924 a 1954, passou a se chamar *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*; desde 1954 até hoje tem o nome de *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*.

² Neste artigo, optei pela forma mais atual de escrever o nome da disciplina: sem o hífen. Nos primeiros tempos, a maioria dos escritos adota a forma ‘*child-study*’. Cabe esclarecer ao leitor que a manutenção de muitas palavras, expressões e títulos no original em inglês decorre do fato de, em grande parte, envolverem conceitos bem específicos. Por outro lado, apresentá-los nas duas línguas implicaria aumentar a dimensão do artigo para além do estabelecido pela RBHE, prejudicando a exposição e análise dos resultados da pesquisa.

entre os estudos (científicos) da criança e a educação a ela destinada³. Foram examinados os números do ano da criação da revista até 1911. Essa delimitação temporal se pauta na posição defendida pela maioria dos estudiosos do assunto, segundo a qual, no começo dos anos de 1910, o *child study* não só já havia refluído como movimento, como estava se transferindo como campo de investigação específico da Clark University para o Teachers College da Columbia University.

Algumas incursões complementares também foram feitas no *The American Journal of Psychology* (A.J.P.)⁴, outra revista acadêmica criada por Stanley Hall em 1887, na qual foram publicados importantes artigos do *child study*. Na bibliografia, pode-se ver que outros periódicos foram utilizados de forma menos sistemática.

Ao estabelecer esse foco de análise, o artigo centra-se na luta dos discursos que disputavam a legitimidade para falar da criança, dos ‘seus’ adultos e das ‘suas’ instituições, para, assim, falar em seu nome. Aborda um momento importante, no qual a Psicologia está se afirmando como nova ciência e está construindo a sua hegemonia em assuntos pertinentes à criança e às suas circunstâncias.

Nesse ambiente, as iniciativas de G. Stanley Hall (1844-1924) merecem especial destaque, não porque tenha sido precursor de muitas das teses que defendeu nem porque tenha sido matriz singularíssima de conceitos e procedimentos científicos; mas porque deslocou os parâmetros dos estudos e dos debates sobre a criança, suas relações com a pedagogia e as reformas escolares, as relações da universidade com o kindergarten e a escola primária, com os professores primários e pais; porque polemizou em todas as frentes e porque formou um número vultoso e relevante de acadêmicos e líderes educacionais.

Além disso, as intervenções de Hall no âmbito associativo e dos impressos especializados permitem que se verifiquem suas tentativas de conjugação de diferentes perspectivas para a edificação do *child study*, ao mesmo tempo em que investia na afirmação da Psicologia como disciplina autônoma⁵. Dito de outra forma, o fato de estar envolvido com

³ No edital de abertura, Stanley Hall dá um importante esclarecimento sobre a escolha do nome ‘*Seminary*’ para a revista. Ele remete à prática dos seminários que encontrou na Alemanha e, como outros que lá estudaram, adotou-a na universidade norte-americana. São 40 editais ao todo cuja importância justifica um outro estudo.

⁴ Esse periódico está em circulação até hoje.

⁵ Embora não se ignore a grande importância do convite de Stanley Hall que resultou na visita de Freud, Jung aos Estados Unidos em 1909, oportunidade em que Freud

estudos psicológicos não impediu que Stanley Hall entendesse o *child study* como um campo para o qual confluíam muitas disciplinas centradas em um único tema – a criança – cujos resultados deveriam ser revertidos em favor da Educação. No entanto, ainda que pregasse a favor da conjugação de vários pontos de vista no estudo da criança, Hall contribuiu decisivamente para produzir a hegemonia da Psicologia sobre as demais disciplinas, no que tange aos estudos daquela temática. O exame de suas iniciativas, portanto, dá a ver as complexas e tortuosas trajetórias percorridas pelo *child study*, das quais resultam hegemonias e subordinações originalmente não planejadas.

Acrescente-se, ainda, o interesse de trazer à baila procedimentos inicialmente adotados por Hall, que envolviam professores e pais nas tarefas de observação e registro de comportamentos infantis cujos resultados eram posteriormente discutidos com todos os envolvidos com vistas a deles extrair orientações à prática educativa. Evidências desses empreendimentos estão guardadas nas páginas do *Pedagogical Seminary*. O estudo de procedimentos como os adotados por Hall, e que foram abandonados com o tempo, alimentam a hipótese de que os caminhos disciplinares assim como não seguem qualquer plano diretor, também não avançam em linha ascendente. Em alguns casos, como esse que aqui se estuda, procedimentos ou mesmo conceitos abandonados por uma disciplina poderiam funcionar como vasos comunicantes entre essa e as demais disciplinas, assim como entre elas e o mundo extra-acadêmico.

Talhando os estudos da criança

Foram duros os embates que envolveram a introdução nos meios universitários norte-americanos dos estudos da educação e da infância. Por razões diversas, educação e criança eram tidas como assuntos femininos, portanto, menores. Dar lugar a eles seria dar entrada na universidade à mulher e às suas questões (WENECK, 1996; GORDON, 1990).

Até quase fins do século XIX, a criança era aceita nos meios acadêmicos em virtude das suas doenças ou seguindo uma mais remota tradição, como assunto filosófico ou teológico. No primeiro caso, por necessidade vital, elas dispunham seus corpos aos estudos nos

pronunciou as consagradas cinco lições de Psicanálise, esse assunto não é aqui contemplado porque suas implicações para os estudos da infância de Hall só serão estabelecidas posteriormente.

ambulatórios e leitos hospitalares; no segundo, eram pensadas como espíritos. Em nenhum dos dois casos, estavam lá disputadas pelos seus cuidadores e, muito menos, submetidas à experimentação⁶.

Stanley Hall, primeiro presidente da Clark University desde 1888, sofrendo pressões orçamentárias, decidiu lançar mão de um artifício inovador para aumentar a arrecadação: em 1891, fez aprovar seu plano de criação de uma escola de verão (*Summer school*) para educadores e no mesmo ano lançou um periódico educacional, *Pedagogical Seminary*. Segundo sua biógrafa maior (ROSS, 1972 p. 211), Hall “[...] não queria contaminar sua universidade de ciência pura com a temática da pedagogia [...]” ou com seus cursos de extensão⁷. Resistiu inicialmente a pressões para ser mais concessivo com o público interessado, tanto que planejou o primeiro curso de verão apenas para diretores de escola e superintendentes da educação⁸, e não para professores. Quanto ao periódico, destinou o primeiro volume do *P.S.* a “[...] uma intelectual e elevada abordagem da reforma educacional [...]” (ROSS, 1972, p. 212), ignorando os estudos da criança que vinham crescendo em importância, e para os quais, aliás, havia contribuído com uma obra seminal em 1883.

Sendo assim, a primeira razão que teria levado Stanley Hall a retomar a temática da educação em 1891 foi a busca de fundos para a sua universidade; mas os resultados obtidos ultrapassaram as perspectivas originais, uma vez que o primeiro número daquele periódico teria obtido uma circulação “[...] inesperadamente grande” (ROSS, 1972, p. 279).

⁶ A mudança dos planos de pesquisa de Edward L. Thorndike em sua tese de doutorado em Harvard é uma boa ilustração das restrições então interpostas aos estudos acadêmicos com crianças. Entre 1896 e 1897, Thorndike teria realizado sua primeira tentativa de medir as reações de crianças entre 3 e 6 anos; tudo corria aparentemente bem, quando as autoridades da universidade impediram que ele continuasse com o “experimento”. Com esse veto, ele foi orientado a fazer pesquisa com animais, especificamente com as galinhas que deram base à sua tese de doutorado, defendida em Columbia, para onde ele se transferiu (JONÇICH, 1968).

⁷ A Clark University foi a primeira universidade norte-americana a ser criada com inteira dedicação à formação pós-graduada. Somente em 1902, a Instituição passou a oferecer cursos de graduação.

⁸ Nos Estados Unidos, em regra, o ‘*superintendent of education*’ ou o ‘*superintendent of schools*’ é a pessoa que responde pelo ensino público no nível estadual. Em regra, também, não tem significativa autonomia executiva, uma vez que responde por um conselho (‘*board*’) ou um coletivo equivalente do qual é membro-chefe. Como sua função não é equivalente ao do ‘secretário do estado da educação’ no âmbito dos executivos estaduais brasileiros, é bom preservar as diferenças contidas nos próprios cargos/funções, traduzindo o termo para ‘superintendente da educação’.

Com isso, Hall não tardou a perceber a oportunidade de retomar seus estudos sobre a criança, e de pugnar em favor da sua disciplinarização em nível superior.

Mesmo que esse retorno tenha representado para Hall o desencadeamento de uma batalha – já que passou a sofrer ataques por sua radical pretensão de entregar a criança ao escrutínio científico e por querer converter a pedagogia em ciência –, ele de fato exerceu a liderança do chamado ‘movimento do *child study*’ em seu processo de expansão. Na virada do século, outros nomes despontaram, como o de John Dewey, e outros ainda se destacariam, como o de Edward Lee Thorndike. O deslocamento do epicentro dos estudos da criança da Clark University para o Teachers College da Columbia University, em torno de 1910, não teria sido, portanto, casual.

Não só o lugar proeminente reservado aos seus escritos, mas especialmente suas iniciativas editoriais e associativas, fizeram de Stanley Hall figura central na construção das modernas imagens da infância e dos novos procedimentos de abordagem da criança (STARBUCK, 1925).

Quando Hall encampou os assuntos educacionais, defendendo reformas profundas, já havia dirigentes e lideranças educacionais trabalhando nessa direção, muitos deles defensores da revisão científica dos padrões pedagógicos adotados nas escolas⁹; e já estavam em circulação há quase uma década, quando a direção da *National Education Association* (NEA) abriu a entidade para debate dessas propostas.

Em 1882, Stanley Hall compareceu, pela primeira vez, a uma reunião da NEA para proclamar aos líderes e dirigentes da educação do país que “[...] é a lei fundamental do desenvolvimento mental [da criança], tanto quanto da ação e da assimilação, que precisa ser a base dos métodos de ensino, dos assuntos escolhidos e da sua ordenação” (HALL, 1882b, p. 41). Hall estava conclamando as proeminentes figuras da

⁹ Havia muitos reformistas já em ação quando figuras como Hall apontaram seus olhos para a educação. Hendricks (1968) dedicou uma tese de doutorado a mostrar como Hall ganhou excessivo destaque na historiografia educacional quando, nesse campo, outros o mereciam, por terem sido precursores originais das reformas educacionais modernizadoras. Hendricks não desmerece o destaque de Hall como psicologista, mas reduz o seu papel no *child study* ao de ‘porta-voz’, portanto, de divulgador. Exageros a parte, é leitura importante pelas informações que dispõe sobre as inspirações que Hall colheu das ‘ideias precursoras’ de Charles Francis Adams Junior, em circulação na década de 1870.

educação a aceitarem a proposta de converter os estudos sobre a criança no centro da organização pedagógica das escolas, bem como de criar uma cadeira de Pedagogia nas instituições superiores de ensino, à moda do que ocorria em universidades alemãs (HALL, 1882a).

Entre 1883 e 1893, Hall publicou mais de 30 artigos predominantemente devotados à exposição de resultados de pesquisas, com destaque às pesquisas relativas à criança – referidas por Hall, naquele período, como ‘study of children’ – e às questões educacionais. O primeiro trabalho de G. Stanley Hall centrado no estudo da criança, *The Contents of Children's Mind*, foi publicado em 1883 na *Princeton Review* e republicado em 1891 no *P.S.* (HALL, 1891). Esse primeiro trabalho sucedeu em poucos anos os seus títulos iniciais classificáveis dentro da chamada Nova Psicologia, e são contemporâneos dos seus ensaios inaugurais sobre Educação¹⁰.

Quando Hall lançou aquele título em 1883, havia poucos trabalhos equivalentes, seja na Europa, seja nos Estados Unidos. Na Alemanha, uma das pontas principais de pesquisa psicofisiológica da época e onde Hall havia completado sua formação (FISHER, 1925; NOON, 2005; ROSS, 1972; WHITE, 1992), tinha vindo a público, em 1891, a obra de William Preyer, *Mind of the child*, posteriormente considerada um dos marcos inaugurais dos estudos sobre a mente da criança com base na observação dos filhos do autor¹¹. Em outros países, poucas publicações apareceram na mesma época, com pequena circulação e pouco impacto imediato. Stanley Hall conhecia bem o que estava em circulação. Prestou especial atenção na pesquisa de Preyer – por ele introduzida nos Estados Unidos em 1890 –, embora tenha usado um questionário como instrumento para a sua primeira coleta de informações sobre o conhecimento dos alunos (ROSS, 1972)¹². Com esse trabalho, Stanley

¹⁰ No âmbito da chamada Nova Psicologia norte-americana, de base empírico-experimental e evolucionista, encontram-se, por exemplo, os seguintes estudos de Hall: *Color-Perception* e *The Muscular Perception of Space* (1878a e b). São mais especificamente educacionais, por exemplo: *American and German Methods of Teaching* (1881), *Chairs of Pedagogy in Our Higher Institutions of Learning* (1882a), *The Moral and the Religious Training of Children* (1882b e c) e *The Education of the Will* (1882d).

¹¹ Prática usual à época não só na Alemanha, de Preyer e Lazarus, como em outros países europeus. Como é sabido, Charles Darwin também a utilizou com os seus filhos. Ver a respeito Brian (2011).

¹² Alguns títulos selecionados sobre Preyer (1890) dentro de uma vasta literatura, além da própria obra: Eckardt, Bringmann e Sprung (1985), Jaeger (1982), Provine (1984) e Schloegel e Schmidgen (2002).

Hall contribuiu decisivamente para a consagração de estudos pautados em grande número de crianças por meio de questionários, suplantando a tendência dos estudos individuais, especialmente com os membros infantis das famílias dos estudiosos (BRIAN, 2011).

De imediato, foram pequenos os resultados obtidos por Hall em sua luta pela instalação da cadeira de Pedagogia nas instituições superiores norte-americanas, bem como na defesa da vinculação dos estudos superiores e subordinação das intervenções escolares ao *child study*. Em meados da década de oitenta, seu entusiasmo pelo movimento estava arrefecido, a ele só retornando, então, nos anos noventa¹³. Nesse ínterim, avançou nos seus estudos psicológicos, mas também aí, segundo admite em confissões publicadas no *P.S.* (HALL, 1901), acumulou poucos resultados metódicos, representativos e consistentes (HALL, 1923). Por outro lado, se seus resultados de pesquisa foram pequenos, suas intervenções para a organização da emergente psicologia científica foram catóricas.

Seguindo os mais modernos procedimentos adotados por acadêmicos europeus, em prol da afirmação de novas disciplinas científicas, Hall criou, em 1887, o *American Journal of Psychology* e fundou a *American Psychological Association*, em 1892 (CADWALLADER, 1992; DALLENBACH, 1937; EVANS, 1992; FERNBERGER, 1932; SOKAL, 1992). No espaço de cinco anos, o campo da nova Psicologia cresceu significativamente: em 1887, somente a Universidade Johns Hopkins mantinha um departamento especialmente voltado à Psicologia e apenas uma dezena de departamentos de Filosofia oferecia alguma modalidade de formação na nova Psicologia, dentre os quais se destacava o de Harvard, graças a William James e seu quase laboratório de pesquisas empírico-experimentais¹⁴; em 1892, em torno de duas dezenas de universidades norte-americanas haviam criado os próprios laboratórios associados à formação em nível de graduação, e alguns departamentos já conferiam títulos de doutor na nova disciplina (CAMFIELD, 1973).

Enquanto Hall se dedicava à afirmação da Psicologia, lideranças

¹³ Durante esse período de afastamento, após sucessivos comparecimentos, Hall não esteve uma vez sequer nas reuniões do NEA.

¹⁴ Em Harvard, no Departamento de Filosofia, Josiah Royce também incursionava no âmbito da Psicologia, mas o fazia pelos caminhos clássicos da Filosofia. Era um importante interlocutor naquele ambiente de movediças delimitações disciplinares, mas já na década de 1890, emergiam resistências aos seus procedimentos especulativos em face de temas apropriados pela Nova Psicologia (JONÇICH, 1968).

educacionais continuavam a sustentar e ampliar o movimento em favor de reformas educacionais pautadas em estudos da criança, ao mesmo tempo em que outros psicologistas estavam sendo cativados para pesquisas empírico-experimentais em torno do desenvolvimento e da aprendizagem da criança.

Fortalecido por suas recentes iniciativas em Psicologia e pela presidência da Clark University, Hall retornou, nos começos dos anos noventa, ao movimento em prol dos ‘*study of children*’ e da reforma educacional. Em 1893, deu passos relevantes para a causa: apresentou o *Child Study as a Basis for Psychology and Psychological Teaching* e publicou *Child Study: The Basis of Exact Education*¹⁵. Esses trabalhos sugerem que Hall estava começando a substituir a genérica expressão ‘*study of children*’ pela específica e sintética *child study*, nome de batismo escolhido por Hall para, a um só tempo, marcar a identidade do novo campo de conhecimento e estabelecer sua especificidade em face de todos os demais que lhe seriam subsidiários.

Com a adoção da nova nomenclatura, Hall efetuou operações sutis, mas poderosas: substituiu a referência empírica pré-conceitual – crianças: indivíduos particulares e, por isso, variáveis – pela referência conceitual a um objeto determinado – a criança: sujeito universal e, por isso, igual a si mesmo. Com essa aparentemente simples troca de nome, Hall inscreveu um novo campo de conhecimentos nos marcos do saber especializado, científico: 1) demarcou o território que separaria a nova produção disciplinada da produção pré-disciplinar ou não ainda disciplinada; 2) estabeleceu a base da ‘correta educação’ e 3) definiu, para ele mesmo ocupar, o lugar de pai fundador daquele novo saber.

Um artifício utilizado por Hall no artigo *Child Study: The Basis of Exact Education* trouxe efeitos duradouros: lá foram reunidos os nomes e as obras eternizados na historiografia como antecessores ou precursores do *child study*, bem como seus colaboradores dispostos em suaves degraus de relevância. Hall esboça uma classificação da produção até então realizada em quatro grupos: a) estudos do embrião humano, tais como o de Preyer e outros; b) estudos da primeira infância até as idades de 3 ou 4 anos – a esse grupo pertencem os trabalhos de Preyer, Perez, Compayré, Tracy, Shinn, entre outros; para esse tipo de trabalho, diz Hall (1893, p. 439): “[...] o termo Psicogêneses é frequentemente usado, com base na frequentemente negada pressuposição que os elementos

¹⁵ Do primeiro, não foi encontrado o texto integral, apenas citações em outros trabalhos de e sobre Stanley Hall.

fundamentais da alma estão sendo aqui desenvolvidos”; c) estudos dos primeiros anos da vida escolar, especialmente do primeiro, período para o qual, afirma Hall, Chrisman teria sugerido o termo Pedologia (Paidology); aqui estariam incluídos os trabalhos, por exemplo, do Diretor da State Normal School de Worcester, Massachussets, E. Harlow Russell, de H. P. Bowditch, de G. W. Peckham, de Franz Boas, “[...] o maior especialista americano em antropometria [...]” (HALL, 1893, p. 439-440) e de Sara E. Wiltse, então secretária do Departamento de *Child Study* do NEA; d) por último, os estudos dos anos jovens e adolescentes, começando na idade dos 13 ou 14 anos, e terminando em torno de dez anos depois, com a plena maturidade ou condição de casar, para a qual Hall sugere o termo ‘efebo’ (HALL, 1893, p. 430).

Outra operação marcante efetuada por Hall foi a afirmação do *child study* como base da Psicologia e do seu ensino, e não o contrário, como já tendia a ocorrer em alguns círculos; nesse caso, no entanto, a operação a curto prazo viria a fracassar. Em menos de uma década, o inverso estava em franco desenvolvimento: a Psicologia não só estava se tornando a base do *child study* como estava praticamente englobando tudo o que dissesse respeito à criança, ao adolescente e à sua educação.

Pela crescente abrangência das novas plateias conquistadas, para além das fronteiras norte-americanas; pelo envolvimento de novos grupos de professores, superintendentes de ensino, líderes educacionais com elevado grau de profissionalização e preparo intelectual, assim como pela ampliação do número de interessados em desenvolver pesquisas com e sobre crianças, é cabível afirmar que os procedimentos que Stanley Hall adotara quando do regresso ao movimento foram de pleno acertados. Ele se tornou o líder por excelência do movimento ‘*child study*’ e um nome poderoso entre os setores profissionalizados da educação. Estabeleceu sua presença no NEA, reduto de poderosas forças na condução da educação norte-americana, obrigando a rendição até de lideranças renitentes, embora contra eles protestasse publicamente.

Hall dedicou em torno de oito anos de sua vida a uma operação de guerra. Esteve em todos os lugares e nos postos de maior destaque. Com isso, converteu o *child study* em um movimento amplo. Entretanto, a trajetória dessa peculiar luta pela construção do *child study* como campo autônomo não se fez apenas de muitas adesões, como também, e principalmente, de golpes e contragolpes que sofreu de fins dos anos noventa até o seu arrefecimento em fins da primeira década do século XX. Quem os desferiu, no uso de que instrumentos e visando que alvos determinados?

Nos Estados Unidos, não sendo de competência do poder central e não sendo mesmo de incumbência dos executivos estaduais, os assuntos de cultura e educação passaram a ser, em grande parte, controlados e dirigidos, após o conflito interno (1861-1865), por agremiações civis que inventaram fórmulas bastante singulares e profissionalizadas de afirmar sua legitimidade na arena política. Ao contrário de terem alimentado a fragmentação da cultura e da educação norte-americanas, foram agentes peremptórios para produzir um amálgama cultural e um suporte visceral para a construção do senso de nacionalidade e a unidade de mercado.

No que tange à educação, a legitimidade e a hegemonia adquiridas pela NEA, que congregava as lideranças e os dirigentes educacionais, com destaque aos superintendentes de ensino, converteram-na na arena política principal, na qual as questões de gerência escolar representavam, até pelo menos a década de setenta, o assunto central. Com a proliferação de novas e distintas iniciativas reformadoras – que compuseram o movimento do progressivismo educacional –, a NEA catalisou os debates e se converteu em espaço legítimo para apresentação e difusão das novas proposições pedagógicas.

Assim, quando não instalava dentro da própria Associação seções distinguidas para cuidar de assuntos determinados, abria espaço para que outras agremiações, articuladas em torno de certa proposta pedagógica, ali se apresentassem. Usando dessas estratégias, a NEA pode comandar praticamente todos os relevantes processos de reforma curricular ocorridos nos Estados Unidos até, pelo menos, o período que antecedeu a II Guerra Mundial (quando o próprio movimento do progressivismo educacional já havia perdido quase todo o seu ímpeto). Chamando para si praticamente todos os debates relevantes ocorridos entre fins do século XIX e a primeira parte do século XX, a NEA conseguiu deles subtrair os ímpetus reformadores mais arrojados, contendo-os nos limites suportáveis ao *establishment* norte-americano.

No caso do *child study*, a NEA criou, em 1893, uma sessão específica a ele dedicada. Stanley Hall aí teve espaço por um bom tempo, mas reclamou por diversas vezes nas páginas do *Pedagogical Seminary* do conservadorismo dos seus dirigentes em relação a esse novo campo de estudo, assim como abriu as páginas desse periódico para que outros também protestassem.

Considerando a NEA como um privilegiado teatro das operações no qual Stanley Hall se movimentou, é possível identificar, em um primeiro momento, três agregados de forças que a ele se opuseram. São

agrupamentos de fronteiras porosas, uma vez que mantinham constantes intercâmbios entre seus membros, assim como partilhavam comandos e armas: 1) os froebelianos envolvidos no movimento dos kindergartens; 2) os herbartianos; e 3) J. Dewey, tendo como base institucional a University of Chicago e depois a Columbia University. Pouco depois, nos primeiros anos do século XX, E. L. Thorndike formará ainda outro agregado de forças oponentes a partir das suas pesquisas com crianças no Teachers College da Columbia, mas não utilizará a NEA como palanque.

A todos esses opositores acrescentavam-se ainda outros instalados nos campos conexos da Filosofia e da Psicologia e que também se envolviam com as questões do *child study* e da educação da infância, uma vez que estavam profundamente envolvidos, e de um modo bastante abrangente, com a reforma intelectual e moral dos Estados Unidos. Entre eles, há nomes de peso como William James, Hugo Münsterberg, Josiah Royce – os três instalados no poderoso Departamento de Filosofia de Harvard; James Mark Baldwin, movendo-se entre a Universidade de Toronto e a Princeton University; e o hegeliano William T. Harris, à testa do Bureau Nacional de Educação¹⁶.

Todos eles foram, de algum modo, afetados pelo evolucionismo. William James rejeitou perspectivas evolucionistas como as de Agassiz – de cuja viagem à América do Sul havia participado –, de Lamarck e, especialmente, de Herbart Spencer, largamente lido nos meios intelectuais norte-americanos do final do século XIX. Aliás, James contribuiu, de modo significativo, para o combate dos pressupostos do evolucionismo social de tipo spenceriano e, em contrapartida, para a incorporação das conclusões de Darwin nos estudos do homem¹⁷.

¹⁶ Ross cita como principais porta-vozes das críticas: James M. Baldwin, William James, H. Münsterberg, primeiramente, e posteriormente, com consequências mais severas, John Dewey e Edward Thorndike (ROSS, 1972). Há de se incluir outros na lista, especialmente os behavioristas. Em 1925, quando presidente da *American Psychological Association*, o behaviorista Madison Bentley falando da direção tomada pelo behaviorismo refere-se ao ‘*child study*’ em termos especialmente duros: “[...] crédito deve ser dado de bom grado ao estudo empírico da criança, sem preconceito dos dogmas da educação e dos caprichos do ‘*child study*’” (BENTLEY, 1926, p. 97).

¹⁷ As considerações de Angell (1909) e Baldwin (1909) sobre a ‘influência de Darwin’ na Psicologia, na Filosofia e na Teoria do Conhecimento estão pautadas nas expectativas de fidelidade do influenciado em relação ao que influencia. A literatura pertinente sugere que há época, poucos leram Charles Darwin diretamente e poucos aderiram a sua teoria no terreno onde ele a construiu. A adesão ao evolucionismo se deu grandemente sem que Darwin tenha sido lido; ainda sim, muitos o leram e bem;

Stanley Hall usufruiu desse estímulo darwiniano nos estudos comandados por James em Harvard, com quem obteve seu PhD (1878), mas retornou da sua formação posterior na Alemanha com um novo compósito teórico com o qual conduziu praticamente toda a sua produção no campo da Psicologia, até que a leitura dos textos fundamentais da Psicanálise operassem modulações nesse *corpus* conceitual original. Hall derivou da sua fusão teórica uma lei básica à luz da qual pautou seu método de questionário e suas interpretações. Nesse compósito, entrava o evolucionismo, mas também o hegelianismo ao qual muitos deles tinham aderido provisória ou permanentemente, como Josiah Royce e William Harris.

Hall denominou-a ‘lei psiconômica geral’ – uma adaptação à esfera mental dos conceitos de evolução biológica e da doutrina subordinada da recapitulação física, desenvolvida por Ernest Haeckel e Herbert Spencer. Ela presume que a vida física e suas expressões no desenvolvimento individual desde o nascimento em direção a uma série de estágios mais ou menos correspondentes aos ciclos sucessivos de hábitos por meio dos quais a vida, e especialmente o homem primitivo e seus ancestrais, são concebidos como tendo passado por eles (FISHER, 1925).

Pela lei da biogênese, popularizada pelo anatomista e zoólogo alemão Ernest Haeckel nos anos de 1860, o desenvolvimento individual expressaria a memória ancestral do corpo, condensando e projetando o progresso histórico das espécies como um todo. Enfeixada no memorável slogan ‘ontogênese repete a filogênese’, a teoria da recapitulação declara que os estágios adultos das espécies ancestrais (ou talvez extintas) eram ressuscitados na anatomia, cognição e no comportamento do crescimento jovem contemporâneo (NOON, 2005).

Segundo relata em suas confissões de final de vida, Hall teria ficado fascinado pela ideia de evolução:

Para meu professor alemão, Trendelenburg, *Werden* ou ‘tornar-se’ era a primeira categoria e a mãe de todas as outras; e me ajudou a me predispor a aceitar tudo o que eu pudesse entender da lógica hegeliana, na qual toda a ideia inata se desenvolve por necessidade interna a partir daquela que a precede, pelos três passos – tese, antítese e

os escritos de William James sobre o evolucionismo sugerem que ele leu e o entendeu; ainda assim, não dá para dizer que Darwin o tenha influenciado, uma vez que não há correspondência epistemológica entre os estudos de James e os de Darwin, a não ser tangencialmente em *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Com isso, é mais adequado pensar, nesse assunto, em termos de apropriação do que de influência.

síntese [...] O sistema de Schelling ficava em seguida porque tratava toda a natureza orgânica e também a inorgânica como passos no desdobramento de um processo poderoso. (HALL, 1923, p. 357, grifo do autor).

Estava tão imbuído dessas ideias, que supunha qualquer lapso na cadeia da evolução como sendo fruto da sua ignorância e não da natureza.

A citação acima explica o espírito com o qual Hall escreveu sua

[...] lei psiconímica fundamental que supunha que nós eramos influenciados em nossas mais profundas disposições temperamentais pelos hábitos de vida e códigos de conduta de um não sei quantos hospedeiros e antecessores, que como uma nuvem de testemunhas estão presentes por todas as nossas vidas, e que nossas almas são câmaras de ressonância nas quais sussurros reverberam. (HALL, 1904, p. 61).

E completa:

Nossa alma é cheia em todas as suas partes de pistas fracas, espectros rudimentares esvoaçando em um momento de nossa vida individual e daí partem para sempre, murmúrios escassa e turvamente audíveis de uma vida longa e prolongada, quente, intensa, ricamente adornada com acontecimentos e detalhes que não existem mais; um débil automatismo, talvez, sendo a única relíquia das experiências mais centrais de muitas gerações, uma fantasia passageira tudo o que sobrevive de idades de labuta e sangue, um sentimento que só olha para fora por um momento na infância, o eco distante morrendo do que foi outrora a voz de uma grande multidão. (HALL, 1904, p. 65).

De acordo com Hall, o crescimento normal da mente individual necessita vivenciar cada estágio, porque o desenvolvimento de qualquer estágio é estímulo normal para o desenvolvimento do estágio seguinte. Esse princípio é o fio condutor de toda a sua doutrina de educação, embora sua aplicação frequentemente tenha de ser temperada a favor de demandas práticas modernas. Fatores ambientais, porém, podem causar o aparecimento de reações antes do seu tempo normal; isso produz a precocidade indesejável. O resultado é a criança super-estudiosa, ou a criança prematuramente habituada aos modos adultos. Preverções podem resultar, portanto, de certos tipos e exageros de sexo, por exemplo, antes dos processos racionais tardios que devem acompanhar. Além disso, certas fases anteriores, assim reprimidas/suprimidas, em vez de serem vividas, podem surgir mais tarde como tendências criminosas, que são essencialmente reversões extraviadas/equivocadas de estratos selvagens inferiores (FISHER, 1925).

O Pedagogy Seminary como instrumento do *child study*

Entre 1891 e 1911, o *P.S.* publicou em torno de 453 matérias assinadas, sendo sua quase totalidade em formato de artigo com resultados de observações e experimentos¹⁸. A essas se acrescentam outras matérias como os relatos bastante frequentes, e muitas vezes analíticos, da criação de associações nacionais e internacionais destinadas ao *child study* e de reuniões realizadas pelo mundo afora, cujas pautas também eram destinadas aos estudos da criança. Há ainda os importantes 40 editoriais que, embora não assinados, sabidamente eram do editor Stanley Hall; servem não só para situar os artigos publicados a cada número, como também para apontar caminhos novos para o *child study*, tanto que muitos deles se encerram com a apresentação de planos de estudos (syllabi), referidos com muita frequência por outros autores, evidenciando que foram amplamente aproveitados por outros estudiosos de dentro e de fora da Clark University.

Os principais temas tratados nas páginas do *P.S.* dão a ver como o campo se constituía e como, ao se constituir, padronizava a ‘natureza infantil’, a infância – a criança e o adolescente.

Das matérias assinadas (453), há em torno de 278 artigos centrados nos temas da infância, da adolescência, observações ou experiências com crianças e adolescentes, assim como muitos estudos sobre o andamento e a direção do campo. Os demais artigos (175) dizem respeito a temas adjacentes, sendo a grande maioria sobre educação: escolas, professores, ensino, disciplinas, pedagogia – sua definição, seu estatuto científico.

Exigem especial análise alguns temas relacionados à infância nos quais os autores do *child study* insistem: interesse, instinto, imitação, atenção, desenho, hábitos; relação da criança com as flores, os animais, as nuvens, o tempo, os jogos, a arte, a religião, a leitura, a escrita, as palavras, o vocabulário, as bonecas, a moral...; o vício, a criminalidade, a rivalidade, a formação de gangs entre os jovens adolescentes. Eles expressam pontos de vista eletivos, indicam a prevalência da perspectiva de Stanley Hall ao longo dos vinte primeiros anos da revista que o ajudou a sustentar a liderança no campo.

¹⁸ Na revista, há outros tipos de matérias nas quais está reunida uma massa impressionante de informações sobre o *child study* dentro e fora dos Estados Unidos. São grandes as listas de bibliografia, associações, dados coletados por pesquisadores ilustrados ou por pais e professores pouco ou nada famosos, nomes de pessoas envolvidas e assim por diante.

Os estudos sobre saúde e doença, deficientes e deficiências físicas e mentais da criança e do adolescente compõem a constelação dos temas do *child study*.

Higiene é um tema/abordagem bastante frequente, graças especialmente à produção de William H. Burnham. Os títulos de alguns dos seus artigos bastam para que se vislumbre uma noção muito abrangente e complexa de higiene: *Arithmetic and School Hygiene*, *The Hygiene of Drawing*, *A Contribution to the Hygiene of Teaching*.

A discussão em torno do ‘acesso cognitivo ao número’ envolve três importantes artigos que terão maiores desdobramentos dentro e fora da *P.S.*: *Number and its Application Psychologically Considered*, de D. E. Phillips, provoca o aparecimento, na sequência, do *Some remarks on the Psychology of Number*, de John Dewey que, por sua vez, incita a resposta de D. E. Phillips no seu *Some Remarks on Number and Its Application*.

Os estudos que partem do ponto de vista da criança sobre determinados assuntos são poucos, porém parecem marcar uma nova e peculiar direção de investigação sobre a qual há de se verificar os frutos imediatos e os de longo prazo: *Punishment as Seen by Children* e *A Study of Children's Rights, as Seen by Themselves*.

Ainda eram poucos também, mas matriciais, os estudos abertos por Stanley Hall sobre sexo relacionado à criança e ao adolescente: *The Needs and Methods of Educating Young People in the Hygiene of Sex*, de Stanley Hall, e *Feelings and Ideas of Sex in Children*, de Earl Barnes.

Em outro polo, situavam-se os temas únicos cujos desdobramentos não chegaram a ser registrados nas páginas do *P.S.* até 1911, tais como: *Teasing and Bullying* de Frederick L. Burk; *The Only Child in a Family* de E. W. Bohannon; *Street Games of New York City* de John H. Chase.

O *P.S.* pode ser pensado como um órgão da Clark University a serviço dos seus investimentos no campo do *child study*. No periódico, estão relatos de pesquisas desenvolvidas na universidade, programas de estudos, seminários e equivalentes, tanto quanto os seus jovens pesquisadores em formação, docentes em início de carreira, inúmeros nomes consagrados de diferentes áreas, mas, principalmente, da Psicologia, que permaneciam por tempos prolongados ligados à Clark University como visitantes (fellows). A maioria daqueles 278 artigos referidos anteriormente é assinada por pesquisadores/docentes vinculados à universidade; a outra parte é composta de uma variedade de pessoas vinculadas a diferentes atividades, dentre as quais predominavam profissionais da educação de dentro e de fora do país: presidentes de

universidades, pesquisadores, professores secundaristas, superintendentes do ensino e muitos diretores de escolas normais dos estados. Uma parcela singularmente elevada é composta de mulheres vindas de diferentes atividades, dentre as quais havia residentes nos Estados Unidos e outras na Europa. Ocupam lugar destacado entre os autores, tanto quanto ocupam lugar importante como parceiras da pesquisa de Hall.

Pertencentes ou não à Clark University, a grande maioria dos autores, homens ou mulheres, responsáveis pelos temas centrais do *child study*, gravitava em torno de Stanley Hall, porque ele havia se tornado mentor das investigações e das trajetórias intelectuais dos muitos que ingressaram no campo, por força da sua liderança intelectual.

G. Stanley Hall é o autor com maior número de trabalhos publicados: além dos seus 40 editoriais¹⁹, ele assina 47 artigos, sozinho ou em dupla, entre 1891 e 1911; dos temas específicos sobre a criança ou adolescente, Hall assina 22. Nos primeiros anos da revista, ele também aparece como resenhista, relator de reuniões científicas, palestras proferidas país a fora, organizador da sessão de livros nacionais e estrangeiros, só para citar as suas mais frequentes tarefas.

Outros nomes se destacam, acompanhando de perto o de Hall: eram ligados à Clark University, compartilhavam pesquisas, assinavam os mesmos artigos, colaboravam com a edição da revista e frequentavam outros espaços acadêmicos em comum. Destacam-se, dentre eles, William H. Burnham, com 20 artigos gerais e 16 específicos, e Theodate L. Smith, com 10 artigos de assuntos gerais e sete específicos – sendo três com Stanley Hall –, além de outras matérias.

A forte presença de Alexander F. Chamberlain, com 17 artigos, sozinho ou em dupla, além de inúmeros outros trabalhos como os de tradução de artigos publicados na revista, confirmam as projeções de Hall para o *child study*: certa centralidade da Psicologia, com necessária presença de outras disciplinas: os trabalhos de W. Chamberlain são aceitos amplamente como pertencentes ao campo da Antropologia.

Os laços que uniam o grupo da Clark University em torno de Stanley Hall foram os mesmos que os tornaram vulneráveis às críticas externas.

O *child study* de Stanley Hall

Quando o campo do *child study* foi estabelecido no final do século XIX, com o propósito de revelar a ‘natureza’ das crianças, foram

¹⁹ Pararam de ser publicados em 1904.

mobilizadas narrativas de recapitulação biológica. Era comum colocar as crianças em contraste com os ‘selvagens’, mas também pensá-las como chave dentro das relações evolucionárias entre humanos e animais, enfatizando a relevância dos instintos das crianças, quer para entender os próprios humanos, quer para entender os elos que os ligam às demais espécies. Chamberlain, por exemplo, dedicou alguns estudos importantes, associando o balanço do corpo dos bebês com a origem humana na água: os movimentos do bebê expressariam sobrevivências dos esforços de equilíbrio e deslocamento dentro do ambiente aquático (CHAMBERLAIN, 1903).

Narrativas recapitulacionistas sugeriam, assim, que crianças preservam traços comportamentais, psíquicos e físicos que esclarecem a proximidade dos humanos com as formas de vida ‘inferiores’. Essas histórias sobre o desenvolvimento da criança se tornaram o vetor pelo qual o interesse na ‘natureza’ e na especificidade da infância pôde ser levado até seus maiores extremos. A criança era vista, naquelas narrativas, não como mero estágio isolado do desenvolvimento, não apenas como uma versão particular da humanidade, mas como ‘um outro’ biologicamente extraordinário, um híbrido orgânico cujo corpo foi submerso, por um tempo, dentro de ordens inferiores da natureza (NOON, 2005).

Enquanto teorias biológicas da recapitulação centravam o desenvolvimento da anatomia fetal, psicologistas como Stanley Hall alargavam essa inquirição, aplicando os princípios da recapitulação ao estudo da consciência e do comportamento humano desde a infância até a adolescência e o início da idade adulta. Hall, como outros à sua época nos Estados Unidos, estava ansioso por conduzir os estudos psicológicos para longe do método introspectivo – bastante usado há um tempo na Europa –, do idealismo filosófico e da tradicional concepção das ‘faculdades mentais’ derivada de Kant e alimentada nos meios educacionais norte-americanos pela forte corrente dos herbartianos.

Hall e muitos dos seus contemporâneos investiram ‘psicologia genética’ por nela terem vislumbrado “[...] uma história da mente tão convincente quanto a história do corpo revelada pela anatomia comparativa, embriologia e paleontologia” (NOON, 2005, p. 373).

Para Hall, a hipótese da recapitulação permitia à disciplina da Psicologia se separar da filosofia idealista, imergindo-a, por meio da criança, no mundo. Ao fazê-lo, Hall identificava comportamentos rudimentares e estados da consciência que – quando adequadamente

interpretados e demarcados em uma sequência temporal – permitiriam delinear os processos evolucionários, culminando na emergência da mente humana. As atividades psíquicas da “[...] da infância, do jovem e do homem médio comum”, ele dizia, escondiam imensas camadas de provas (HALL, 1904, p. vi-vii). A ‘alma’ humana ainda não era completa, pensava Hall. Bem ao contrário, nossa consciência seria apenas um simples estágio e um tipo de mente: um afloramento tardio, parcial e talvez essencialmente anormal e remediador da vida subjacente da alma do homem. Um entendimento histórico dessa ‘alma humana’ não poderia, diz ele, ser realizada por meio da autoanálise (introspecção) e da especulação lógica sozinha. Ao contrário, os cientistas precisariam observar, descrever e induzir o conhecimento sobre a ‘alma’ por outros meios (HALL, 1904).

Se a Psicologia tinha que avançar pelos exemplos de outras disciplinas, ela precisava ser “[...] sempre e em toda parte objetiva e observacional, nunca subjetiva e introspectiva [...]”. Devia ser preenchida, além disso, com “[...] os fatos concretos da vida e da mente, e não por categorias e intuições que um intelecto encravado adora manipular” (HALL, 1909, p. 252).

Hall argumentava:

Nós precisamos coletar estados da mente, dos sentimentos, fenômenos há muito esquecidos, fatos psíquicos, que aparecem fracamente talvez uma única vez em uma vida, e que em poucos e raros indivíduos, impulsos que, talvez, nunca surjam acima do limiar, mas que se manifestam apenas em automatismos, atos, comportamentos, coisas negligenciadas, triviais e incidentais, tais como Darwin diz são frequentemente mais vitais. Nós precisamos ir à escola para a alma popular apreender com os criminosos, os deficientes, os animais e em certo sentido retornar a Aristóteles reembasando a Psicologia sobre a Biologia, e realizar que nós conhecemos melhor a alma quando nós podemos escrever sua história no mundo, e que não há finalidade de salvar fórmulas do desenvolvimento. (HALL, 1904, p. vii-viii).

Era preciso fazer um arquivo do passado para extrair lições para o desenvolvimento da espécie. Esse entendimento da Psicologia como uma ciência genética nova refabricada não seria possível sem a criança como centro. Por isso, dava especial valor ao *child study* para o processo de recobrir a história da ‘alma’ e guiá-la deliberadamente em direção profilática.

Hall era notório no esforço de ‘evolucionar’ a psicologia norte-americana, e não estava sozinho. Sabidamente compartilhava com outros estudiosos sediados em outras instituições as mesmas ansiedades

evolucionistas. James Mark Baldwin é, dentre eles, um dos nomes que se fazia mais proeminente. Baldwin (1895, p. 2) também combatia “[...] a mais velha ideia da alma [...]” como uma “[...] substância fixa, com fixos atributos” é insustentável “[...] quando interpretada à luz da doutrina da evolução”. Mas o afastamento gradativamente maior de Baldwin em relação a Hall também é expressivo das dificuldades crescentes de convergência na escolha dos procedimentos de inquirição da criança e de interpretação das suas manifestações (NOON, 2005).

Hall insistiu nos ‘instintos’. Isso quer dizer que se apoiou em um dos pilares mais instáveis do evolucionismo, e o fez em defesa da ‘lei psiconômica geral’, pautada na teoria da recapitulação. Não o fez, portanto, à luz de Darwin, tinha clareza das dificuldades interpostas no trato dos instintos ‘humanos’, tanto que explicou sutilmente o comportamento instintivo como a “[...] acumulação lenta, gradual de numerosas, leves, mas rentáveis variações” que formavam uma ponte contínua de uma espécie à outra e entre humanos e outros animais (DARWIN, 1872-2000, p. 234).

O certo é que Stanley Hall persistiu nos instintos como Herbert Spencer os entendia: repositórios de experiências dos antepassados conservadas como ‘memória’ ou ‘hábito herdado’. Com isso, é possível entender por que Hall se dedicou extensivamente ao estudo de reações instintivas, como a raiva, o prazer e o medo à luz da teoria da recapitulação. No estudo do medo, por exemplo, Hall afirma que o sentido de terror da criança é um aspecto da psique humana na qual reflexos do passado podem ser vistos mais claramente, desde que, para o jovem, “[...] a relativa intensidade desses medos combina mais com as condições passadas do que com as presentes” (HALL, 1897, p. 247). No estudo da raiva, Hall também ancora a raiva infantil no passado pré-histórico (HALL, 1899).

Nessa direção, diz Noon (2005, p. 382, grifos do autor):

Mas seria um erro ler a prosa sobre a criança e a recapitulação como um esforço simples de produzir conhecimento biológico. Ao invés, G. Stanley Hall, Alexander Chamberlain, e outros dirigiam seus pensamentos sobre o desenvolvimento da criança a uma crescente classe de educadores da classe média e reformadores liberais que encaravam as crianças ‘como projetos sociais’ cujo cuidado e instrução apropriados assegurariam o progresso das nações modernas e a perfeição do ‘homem’ moderno.

Em favor desse entendimento, Noon acrescenta uma passagem de um preliminar, porém já clássico, estudo de Vandewalker sobre o movimento

do kindergarten nos Estados Unidos, publicado em 1908:

O rápido desenvolvimento das ciências biológicas durante os anos setenta devido à aceitação da teoria da evolução, deu origem a uma nova interpretação da vida. De acordo com essa interpretação tanto mente como corpo são o produto de processos evolutivos. (VANDEWALKER apud NOON, 2005, p. 382).

Porque o gênero humano representa a expressão da “[...] onipresente e eterna energia manifestada no universo”, e porque essa energia se origina da “[...] herança animal da qual o homem emerge gradualmente [...] sua emergência final e perfeita [vai] do animal para o estado espiritual”. “Evolução”, conclui Vandewalker, “[...] poderia ser apressada em grande medida” (VANDEWALKER apud NOON, 2005, p. 382).

Considerações finais

Apesar de G. Stanley Hall ter criado laços intelectuais fortes com os professores, visitantes e estudantes da Clark University, o *Pedagogical Seminary* mostra, nos seus 20 primeiros anos de existência, que nem tudo permaneceu sob consenso e nem todos os ventos sopraram na mesma positiva direção por todo o período.

Nem mesmo entre Stanley Hall e seus colaboradores mais próximos, como William H. Burnham e Theodate L. Smith, há consenso sobre o estatuto e a composição do *child study*. Em 1892, Burnham falava basicamente da Antropologia e da Psicologia como fundamentos dos estudos da criança (BURNHAM, 1892); Smith, em 1905, referia-se ao *child study* “[...] como importante ramo da Psicologia em nossas principais universidades e colleges” (SMITH, 1905, p. 94); Stanley Hall reivindicou, desde o início, uma pluralidade de disciplinas que fundamentou o campo (HALL, 1893). No que tange ao seu estatuto, que Hall afirmava ser científico, Smith (1905, p. 95) modestamente propunha, expondo os muitos colaboradores do campo:

[...] fatos como esses dão um maior encorajamento para o futuro do *child study*, que, embora ainda não reivindique ser uma ciência, está aprendendo pelos erros inevitáveis em trabalhos pioneiros e tornando-se constantemente mais científico.

Essas divergências, aparentemente secundárias, contribuíram para conduzir Stanley Hall ao que Ross (1972) denominou, com muita felicidade, de *‘failure in success’* (‘fracasso no sucesso’), porque elas ecoavam divergências maiores, vindas de fora da Clark University, e

tiraram Hall da primeira cena. Dito de outro modo, elas ecoavam a persistência no método dos questionários, visando à coleta de dados de milhares de sujeitos e, principalmente, a manutenção da teoria da recapitulação, mesmo dizendo aceitar a perspectiva darwiniana da seleção natural e mesmo afirmando que o indivíduo repete a espécie ‘apenas’ em seus traços gerais.

Não bastassem as muitas dificuldades acumuladas, intrínsecas ao trabalho científico, para as quais mais tarde Stanley Hall lamentou não ter dado a devida atenção, os obstáculos para extrair do ‘conhecimento científico’ derivações para a prática pedagógica parecem ter sido ignorados por Hall, muito embora, no sentido inverso, frutos tenham sido obtidos do envolvimento de pais e professores nas práticas de coletas e análise de dados.

Hall parece não ter se apercebido, ou não se manifestou publicamente a respeito, do domínio do aporte psicológico sobre os demais na configuração do campo a partir do início do século. Entretanto, não se tratava apenas da subordinação das demais disciplinas à Psicologia, no que tange aos assuntos da infância para os quais ele contribuiu sobremaneira; tratava-se, principalmente, da crescente prevalência de outros métodos e conceitos dentro do próprio âmbito da Psicologia. Stanley Hall, especialmente ao término da vida, lamentou profundamente ter persistido naqueles equívocos decorrentes do seu evolucionismo recapitulacionista.

Por fim, Hall se deu conta, também tardiamente, que seu esforço de harmonizar religião e ciência – num sentido, então, bem aceito nos meios acadêmicos liberais norte-americanos – tinha tomado uma direção em que as preocupações morais e religiosas se imiscuíram desmesuradamente sobre suas ‘descobertas’ científicas, comandando seus diagnósticos e prescrições, principalmente para os adolescentes, em uma curiosa e romântica dinâmica entre os evolucionistas e Deus. Essa é uma importante questão que deve ser explorada em outra oportunidade, uma vez que envolve as imagens produzidas modernamente sobre a infância.

Por fim, incursões no campo da Psicologia reforçam a tese de que é indispensável ao estudioso da infância e da adolescência, especialmente no âmbito da História da educação, conhecer as ferramentas com as quais os psicólogos cunham seus conceitos e constroem seus objetos. A obra de Stanley Hall recebeu e recebe muitas críticas nas direções apontadas; são muitas, atuais e antigas. Salvo engano, nenhuma reclama do fato de Hall ter excursionado por tantos e tamanhos campos para além da sua

Psicologia em construção, exatamente porque ele sabia – como muitos dos seus contemporâneos – que os especialismos não somariam a favor do debate e da crítica.

Referências

ANGELL, J. R. The influence of Darwin on psychology. *The Psychological Review*, Washington, D.C., v. 16, n. 3, p. 152-169, 1909.

BALDWIN, J. M. *Mental development of the child and the race*. New York: MacMillan and Co, 1895.

BALDWIN, J. M. The influence of Darwin on theory of knowledge and philosophy. *The Psychological Review*, Washington, D.C., v. 16, n. 3, p. 207-218, 1909.

BENTLEY, M. The major categories of psychology. *The Psychological Review*, Washington, D.C., v. 33, n. 2, p. 71-105, 1926.

BRIAN, A. M. A Family science: the baby biography in imperial Germany. *Journal of the History of Childhood and Youth*, Baltimore, v. 4, n. 3, p. 403-418, 2011.

BURNHAM, W. H. A scheme of classification for child-study. *Pedagogical Seminary*, Worcester, v. 2, n. 2, p. 191-198, 1892.

CADWALLADER, T. C. The historical roots of the American Psychological Association. In: EVANS, R. B.; SEXTON, V. S.; CADWALLADER, T. C. (Ed.). *The American Psychological Association: a historical perspective*. Washington, D.C.: American Psychological Association, 1992. p. 3-41.

CAMFIELD, T. M. The Professionalization of American Psychology, 1870-1917. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 9, n. 1, p. 66-75, 1973.

CHAMBERLAIN, A. F. *The child: a study of the evolution of man*. New York: Charles Scribner's Sons, 1903.

DALLENBACH, K. M. The American Journal of Psychology, 1887-1937. *The American Journal of Psychology*, Chicago, v. 50, n.1-4, p. 489-506, 1937.

DARWIN, C. *A Expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1872-2000.

ECKARDT, G.; BRINGMANN, W. G.; SPRUNG, L. *Contributions to a history of developmental psychology*: International William T. Preyer Symposium. New York: Mouton de Gruyter Publisher, 1985.

EVANS, R. B. Growing pains: the American Psychological Association from 1903 to 1920. In: EVANS, R. B.; SEXTON, V. S.; CADWALLADER, T. C. (Ed.). *The American Psychological Association: a historical perspective*. Washington, D.C.: American Psychological Association, 1992. p. 73-90.

FERNBERGER, S. W. The American Psychological Association. A historical summary, 1892-1930. *The Psychological Bulletin*, Washington, D.C., v. 29, n. 1, p. 1-89, 1932.

FISHER, S. C. The psychological and educational work of Granville Stanley Hall. *The American Journal of Psychology*, Chicago, v. 36, n. 1, p. 1-52, 1925.

GORDON, L. D. *Gender and higher education in the progressive era*. New Haven: Yale University Press, 1990.

HALL, G. S. Color-perception. *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, Cambridge, v. 13, p. 402-413, 1878a.

HALL, G. S. The muscular perception of space. *Mind*, Oxford, v. 3, n. 12, p. 319-322, 1878b.

HALL, G. S. American and German methods of teaching. *The Harvard Register; an Illustrated Monthly*, Cambridge, v. 3, n. 6, p. 319-322, 1881.

HALL, G. S. Chairs of pedagogy in our higher institutions of learning. In: BUREAU OF INFORMATION. *Circulars of information*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1882a. p. 35-44.

HALL, G. S. The moral and the religious training of children. *Princeton Review*, Natick, v. 10, p. 26-49, 1882b.

HALL, G. S. The moral and the religious training of children-III. *Journal of Social Science, Containing the Proceedings of the American Association*, Boston, v. 15, p. 56-77, 1882c.

HALL, G. S. The education of the will. *Princeton Review*, Natick, v. 10, p. 306-326, 1882d.

HALL, G. S. The contents of children's minds. *Princeton Review*, Natick, v. 11, p. 249-273, 1883.

HALL, G. S. The contents of children's minds. *Pedagogical Review*, v. 1, n. 2, p. 139-173, 1891.

HALL, G. S. Child-study: the basis of exact education. *Forum*, New York, v. 16, p. 429-442, 1893.

HALL, G. S. A study of fears. *American Journal of Psychology*, Chicago, v. 8, n. 2, p. 147-249, 1897.

HALL, G. S. A study of anger. *American Journal of Psychology*, Chicago, v. 10, n. 4, p. 511-591, 1899.

HALL, G. S. Confessions of a psychologist. *Pedagogical Seminary*, Worcester, v. 8, n. 1, p. 92-143, 1901.

HALL, G. S. *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education*. New York: D. Appleton and Company, 1904. 2 v.

HALL, G. S. Evolution and psychology. In: AMERICAN ASSOCIATION FOR THE ADVANCEMENT OF SCIENCE. Fifty Years of Darwinism. Modern aspects of evolution: Centennial Addresses in Honor of Charles Darwin, before the American Association for the Advancement of Science, 1909, Baltimore. *Proceedings...* New York: Henry Holt and Company, 1909. p. 251-267.

HALL, G. S. *Life and confessions of a psychologist*. New York: D. Appleton & Co., 1923.

HENDRICKS, J. D. *The child-study movement in American education, 1880-1910: a quest*. Bloomington: Indiana University, 1968.

JAEGER, S. Origins of child psychology: William Preyer. In: WOODWARD, W. R.; ASH, M. G. (Ed.). *The problematic science: psychology in nineteenth-century thought*. New York: Praeger, 1982. p. 300-321.

JONÇICH, G. *The sane positivist. A biography of Edward L. Thorndike*. Middletown: Wesleyan University Press, 1968.

NOON, D. H. The evolution of beasts and babies: recapitulation, instinct, and the early discourse on child development. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 41, n. 4, p. 367-386, 2005.

PREYER, W. *The mind of the child*. New York: D. Appleton and Co, 1890. 2 v.

PROVINE, R. R. Wing-flapping during development and evolution: when does a bird begin to flap its wings, and how do domestication and the evolution of flightlessness affect this behavior? *American Scientist*, v. 72, n. 5, p. 448-455, 1984.

ROSS, D. G. *Stanley Hall. The psychologist as prophet*. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

SCHLOEGEL, J. J.; SCHMIDGEN, H. S. General physiology, experimental psychology and evolutionism: unicellular organisms as objects of psychophysiological research. *Isis*, v. 93, n. 4, p. 614-645, 2002.

SMITH, T. L. Child study at Clark University. *Pedagogical Seminary*, Worcester, v. 12, n. 1, p. 93-96, 1905.

SOKAL, M. M. Origins and early years of the American Psychological Association: 1890 to 1906. In: EVANS, R. B.; SEXTON, V. S.; CADWALLADER, T. C. (Ed.). *The American Psychological Association: a historical perspective*. Washington, D.C.: American Psychological Association, 1992. p. 43-71.

STARBUCK, E. D. G. Stanley Hall as psychologist. *The Psychological Review*, Washington, D.C., v. 32, n. 2, p. 103-120, Mar. 1925.

WENECK, B. C. *The 'average teacher' need not apply*: women educators at teachers college, 1887-1927. New York: Columbia University, 1996.

WHITE, S. H. G. Stanley Hall: from philosophy to developmental psychology. *Developmental Psychology*, Washington, D.C., v. 28, n. 1, p. 25-34, 1992.

Endereço para correspondência
Mirian Jorge Warde
Av. Monteiro Lobato, 679
Bairro Macedo
CEP 07112-000
Guarulhos - SP
E-mail: mjwarde@uol.com.br

Recebido em: 17 jun. 2013
Aprovado: 13 maio 2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
